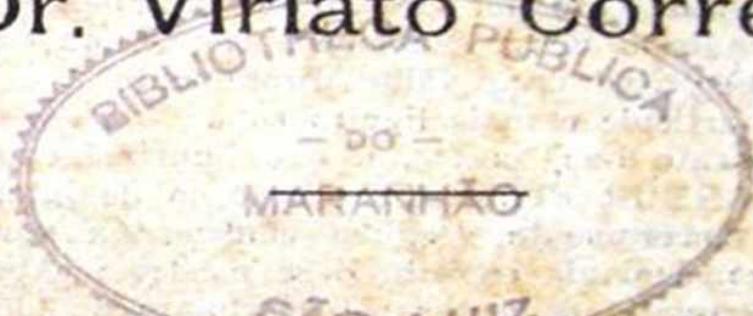


CONFERÊNCIA

REALIZADA NA
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

PELO

Dr. Viriato Corrêa



Distribuição gratuita



5B

LIVRARIA DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
28, Avenida Passos, 30 — Rio de Janeiro

24

NO LIMIAR DO ETÉREO

Este o título de um interessantíssimo volume em que o Sr. Artur Findlay resumiu as experiências a que durante muitos anos teve ensejo de proceder, no campo do Espiritismo, ou do psiquismo, para tratar de uma palavra que soa melhor ao ouvido dos cientistas.

Foram tão rigorosamente realizadas essas experiências e se realizaram sob tão completo efeito de realidade das coisas, que levaram o Senhor Findlay da mais completa crença inabalável na sobrevivência do sér e na existência de um outro plano de existência, onde aqueles que passaram pela morte, continuam a viver em outras existências, sob vários aspectos, às do viver terreno.

O fenômeno da Vóz Direta, porventura o mais probante de todos os que se produzem no campo do espiritualismo experimental, foi o com que ele mais se ocupou, tendo levado suas pesquisas a um ponto ainda não atingido antes por nenhum outro investigador, porquanto dado lhe foi obter minudentes informações acérea do mecanismo desse fenômeno, isto é, do modo por que procedem os Espíritos para falar diretamente aos homens, sem que o médium articule o mais ligeiro som.

Não é sómente isso, porém, o que imprime excepcional valor ao volume de ARTUR FINDLAY e o torna de interesse máximo para quantos sinceramente desejam conhecer a verdade que se contém na fenomenologia espírita e se mostrem capazes de apreciá-la com imparcialidade e não sob o guante de idéias preconcebidas, nem com os antolhos dos preconceitos sectaristas.

Realça-lhe a excelência o estudo aprofundado que nos dois primeiros capítulos o autor faz dessa coisa a que se chama Éter, para chegar à demonstração de que não há no universo espaço algum que não seja pleno d'ele e de que sobre ele a atuar por toda parte está o que denominamos Mente. Esse estudo o conduziu a fazer sentir de modo claro e inofismável que isso a que se dá o nome de matéria, dotada de solidez, de impenetrabilidade, etc., não existe, porque tudo é apenas uma questão de ordem de vibrações, pelo que as coisas, no mundo etéreo, dão aos que o habitam sensação idêntica à que nos proporcionam as do nosso mundo.

Em suma, NO LIMIAR DO ETÉREO é uma obra de cuja importância não se pode dizer em meia dúzia de linhas, mas que ressaltam esplendidamente a todos aqueles que tenham olhos de ver, para meditar com inteligência o assunto que ela versa, o mais relevante de todos os que no momento atual possam preocupar os verdadeiros pensadores.

Broch. 6\$000 — Enc., 8\$000



A conferência de Viriato Corrêa

Simplesmente magnífica a conferência realizada pelo nosso — já hoje podemos dizê-lo — querido confrade Dr. Viriato Corrêa.

A's quinze horas, ou seja uma hora antes da aprazada, já o nosso vasto salão tinha suas 800 cadeiras literalmente ocupadas, notando-se entre os assistentes muitas, muitíssimas famílias, dentre as quais algumas que ali iam pela primeira vez, atraídas, naturalmente, pelo justo renome do conferencista, como homem de letras, intelectual em evidência em nosso meio social.

Quando o nosso companheiro M. Quintão, ladeando o orador, assomou no estrado e tomou assento á mesa da Directoria, houve entre a multidão que se comprimia, já então apinhada pelos vãos e corredores, um como susurre de aplauso e satisfação, mal contido pela austeridade tradicional dos nossos estudos e trabalhos nesse mesmo ambiente.

Os clarividentes e os videntes; os sensitivos das coisas espirituais, até mesmo os simplesmente familiarizados com as manifestações do plano espiritual, poderiam coligir nesse instante a aproximação de elevados Espíritos, banhando de luz — imperceptível á retina humana, mas sensível aos corações — aquele ambiente, saturá-lo de vibrações de uma harmonia indefinível.

Foi quando após ligeiro recolhimento, visivelmente comovido, Quintão, médium sensitivo também, para dar

início á solenidade, erguendo-se, disse que, por maiores que fôssem os meritos pessoais do conferencista e, consequentemente, a ansiedade de o ouvir, não podia furtar-se á prática de uma, para êle e para muitos, salutar violência, roubando aos irmãos presentes em corpo alguns minutos, afim de honrar as tradições da casa, que era, antes de tudo e sobretudo, um templo, e templo ao qual acorriam não só incarnados mas, tambem e quiçá em maior número, desincarnados; que entre estes, presuntivamente, muitos necessitariam edificar-se com as nossas atitudes, beneficiar-se dos nossos sentimentos.

Convidava, portanto o auditorio a recolher-se dentro em si mesmo, a elevar o pensamento a Deus, pedindo-lhe por toda a humanidade e, finalmente, para que o novel confrade que alí vinha, galhardo e sincero, fazer a sua Profissão de Fé não pudesse jamais — amparado por seus Guias — nesta etape de lutas e tormentos, enquadrar-se naquele avisado conceito do Divino Mestre, deixando de ser dos poucos escolhidos entre os muitos chamados.

Lembrando ainda a parábola do Semeador, diz que a Federação não abria a Viriato as portas senão para abrir-lhe o coração de todos os seus irmãos, que lidavam por elevar bem alto a glória de Deus e a paz entre os homens, pelo reinado de Jesus em espirito e verdade.

O que foi o trabalho de Viriato Corrêa e da impressão que poderia ter causado, escusamo-nos de dizê-lo, por isso que o vamos publicar integralmente.

A nós, a mais funda impressão que nos deixou de conjunto êsse trabalho foi o da sinceridade do autor, sacudindo para bem longe o trapo do seu orgulho de materialista balôfo, ao proclamar a grandeza dos novos horizontes que se lhe deparavam em maravilhas; foi, finalmente, êsse traço de humildade, êsse cunho de franqueza que entrançam o seu estilo literario, imaginoso e ao mesmo tempo leve.

A conferência se encerrou com uma prece de reconhecimento á Virgem, prece que a muitos deixou humidos os olhos e confortados os corações.

Alguns médiumsvidentes, isoladamente interrogados, foram contestes em afirmar que o orador era assistido pelo Espírito de seu pai carnal e a mesa pelos que entre nós se chamaram Bezerra de Menezes e Pedro Richard, além de outros familiares.

De Alagoas, Maceió, nosso irmão Francisco Fialho telegraphou ao companheiro Quintão, afim de representar o Grupo daquela cidade, que o tem por Presidente.

CONFERÊNCIA

**realizada pelo Dr. Viriato Corrêa, na Federação
Espírita Brasileira**

Não sei se alguém, nesta sala, conhece a fábula do Coelho que vivia na toca. Li-a em pequenino, já não sei onde, há tanto tempo isso foi.

Era uma vez um Coelho que nasceu numa gruta e na gruta viveu quasi que a existência inteira. Como era indolente e orgulhoso, os outros coelhos tomaram-no por uma figura de eleição e fizeram-no rei.

E, como era rei, o Coelho tendo vassalos que o servissem, nunca sentiu necessidade de vir aqui fóra lutar pela vida: os coelhos levavam-lhe alimento ao fundo da toca, arranjavam-lhe a cama com as ervas mais tépidas e macias, penteavam-lhe o pelo com os cuidados e os carinhos mais sútis.

Dentro daquelas paredes escuras o coelho dominava soberanamente. O mundo para êle resumia-se naquele buraco estreito. Os companheiros, os vassalos convidavam-no a vir fóra ver o mundo largo, ver a vida intensa. Não! não queria vir, não queria ver! O mundo era aquilo, aquela gruta negra, aquela tóca esconsa. O Coelho cabia largamente nos recessos de sua furna, gozava a seu prazer o prazer da vida, sentia-se grande, sentia-se onipotente na estreiteza de sua caverna e que lhe importava existissem outros mundos lá fóra e além? mundos que,

cèrtamente, não seriam da vastidão de sua lura, mundos que talvez não coubessem a grandeza da sua pessoa e a majestade do seu poder! Não! não queria ver! não queria vir! Satisfazia-lhe a penumbra que lhe envolvia a toca, satisfazia-lhe aquele silêncio de profundidade, aquela indolência de potentado.

Mas, um dia, os coelhos vassalos não lhe vieram trazer o alimento e renovar-lhe a casa. Esperou muito e nenhum apareceu. Gritou-lhe a fome no estômago — não havia migalhas pelos recantos da caverna.

Pela primeira vez teve necessidade de mexer-se. E, ao transpor a porta da gruta, bateu-lhe o coração afotamente e uma golfada de luz ofuscou-lhe de súbito os olhos. E êle parou. Parou tonto, deslumbrado, todo o sangue em fluxos, toda a emotividade em êxtase.

Era no alto da montanha. Vinha raiando pelo espaço a claridade fulgurante da manhã. O sol rasgava o céu numa esplêndida explosão de rosa e de oiro. A natureza inteira despertava, fulgindo e cantando: as copas, as arvores, todo o cerrado da floresta ressoava em músicas e gorgeios; passaros enchiam festivamente os ares de trinados; e tudo brilhava, resplendia tudo numa apoteose de maravilhamento: a serra em cima, ondulada e verde, o vale em baixo serpeado daguas, o casario ao longe, os palmeirais distantes, a mata, as estradas, as ribanceiras e, ao fundo, o mar, a vastidão do mar espreguiçando ao sol a pelúcia azul das vagas rumorosas.

O Coelho tragou um imenso hausto de ar. Aquele sôrvo de imensidão levantou-lhe a vida. E ficou extático, obumbrado, maravilhado, olhando tudo, sem saber para onde olhar. Voltava os olhos á direita, voltava os olhos á esquerda, atrás, á frente e era sempre aquela deliciosa e embriagadora sensação de luz, aquela arrebatadora impressão do grande, do infinito.

Quanto tempo lá ficou a olhar? Não sei. Mas, quanto mais olhava, mais pequenino se ia sentindo, mais

humilde e mais insignificante se ia considerando, êle, êle o Coelho rei, o Coelho orgulhoso, que era grande, incomparavelmente grande na estreiteza escura de sua toca.

Todas as fábulas, meus senhores, encerram uma lição de moral.

O Coelho, que era onipotente no fundo de sua gruta, que lá dentro era o maior de todos, que tinha vassalos e mandava e, quando mandava, tinha a seus pés curvada a mais respeitosa obediência, êle o senhor, êle a realeza, não quis mais voltar para o seu buraco.

Preferiu alí ficar sem mando, sem majestade, sem poder, pequenino, raso, insignificante, lutando pela vida, trabalhando para alimentar-se, fazendo a sua propria cama para dormir, mas preferiu alí ficar deante daquele panorama de luz, daquele radiante cenário de grandezas, sob o influxo daquela claridade que lhe tonificava a vida, daquela vastidão sem fim que lhe exaltava o pensamento. E nunca e nunca mais voltou á escuridão da caverna.

Eu sou, meus senhores, como o Coelho da toca.

Viví por muito tempo, a bem dizer até ontem, viví na furna do ateísmo, cevando o meu orgulho e a minha maldade, como se cevam num chiqueiro as banhas de um porco.

E quando entrei para a toca? Desde que comecei a ter entendimento de homem, desde que comecei a enfeitar-me para rapaz.

Ao despontar-me a primeira sombra de buço, eu era o incréu mais impertinente, mais irritante e mais insuportável que havia na terra.

Para o Coelho da fábula, para a vida do Coelho da

fábula, na escuridão da gruta, havia uma atenuante justificadora: êle nascera no buraco e ao buraco se amoldara, ao buraco se afeigoara, da mesma maneira que a lesma se amolda ao búzio, que os batráquios se amoldam ao lodo.

Para mim, tudo era agravante. Nasci no seio carinhoso de uma mãe cristã, á sombra de uma família cristã fiz-me homem.

O Coelho não queria sair da toca porque lá nascera. Eu animalizei-me mais do que êle: — nasci na luz, ao clarão radiante da verdade e encafuei-me na toca.

Diz a fábula que, como o Coelho era orgulhoso e indolente, os outros coelhos fizeram dele o rei. Ha, nesse ponto, entre mim e a figura da história, uma pequena diferença. A mim ninguem me aclamou para realeza nenhuma. Eu é que me aclamei, eu é que empunhei um cetro e pus á cabeça uma corôa de orgulho.

Aos meus olhos, ao meu juizo, ninguem era maior do que eu. Houve um tempo em que me imaginei o maior dos homens. Houve mesmo um tempo em que me julguei a figura central do planeta. Ninguem sabia mais do que eu; ninguem tinha mais direitos. Houve mesmo um tempo em que fui o galo de Rostand: as manhãs irrompiam no céu ao som da minha voz e á voz do meu mando. O mundo existia para que eu existisse; o sol, as aguas, as flores, as estrelas, tudo havia sido criado para mim.

Foi a quadra mais insuportavel da minha vida. Inimigos criava-os com a facilidade com que os cogumelos desabrochavam num pátio pôdre. Tinha a volupia singularíssima de desagradar; o gôsto de irritar. Andava de clava em punho, como um guerreiro bárbaro, destruindo tudo: idéias alheias, crenças alheias, preconceitos e até melindres. Nada me infundia respeito, nada. Vivia a fazer praça do meu iconoclastismo, como um cigano faz praça do valor de seus cavalos.

Deus constituia para mim uma pilheria hilariante, uma ridicularia dos tolos. O meu maior orgulho, o meu maior prazer, e orgulho que eu provoeava a todo momento, era dizer-me materialista e propalar o meu materialismo. Quando, deante de mim, alguem falava em Deus, com respeito e fé, eu ou duvidava da sinceridade, ou considerava a criatura imbecil. Não me podia passar pela cabeça que alguem de senso comum, de inteligência vulgar pudesse, a serio, acreditar em Deus. Deus havia sido inventado para embair os mediocres ou os tolos.

Eu que me julgava um sér de exceção, estava no dever de reduzir Deus a zero.

Quanto ao Cristo e quanto á Virgem Maria, a minha irreverênciia apavorava. Houve criaturas que me disseram que as minhas palavras lhes esfriavam os ossos. E eu gozava, gozava a irritação alheia com o prazer infernal de um lobo que estraçalha uma presa. E, quanto mais blasfemava, quanto mais aos outros irritava, maior imaginava que êles me estivessem julgando. Era uma maneira de engrandecer-me aquela, a de destruir aquilo que os outros tinham como sagrado. Se arrasava o que era grande, é porque maior eu era.

Os livros de doutrinas religiosas que me chegavam ás mãos repelia-os, como se repele uma inutilidade. Sentia-me bem no fundo da miuha caverna, na minha gruta, na minha toca. Dentro dela, quanto mais eneovado, quanto mais profundo, maior me sentia, mais arrogante e mais poderoso. Que me importava que, lá fóra, existissem doutrinas consoladoras, principios balsâmicos, crenças alevantadas e tonificantes, que me importava? se havia criado para mim um mundo meu, uma doutrina minha, dentro dos quais era grande, dentro dos quais imperava soberanamente, sem prestar contas a ninguem?

E isso foi, meus senhores, por muito e muito tempo, por quasi toda a minha quadra de rapaz.

Um dia, porém, a gentileza piedosa de um amigo pôs-me na mão um livro de Alan Kardec. Li-o de um fôlego, de um trago. Tinha chegado o meu dia, como chegara ao Coelho, de pôr a cabeça fóra do buraco. E o meu deslumbramento não foi menor que o do animal da fábula.

Ao correr os olhos pelo livro espirita eu tinha a sensação maravilhosa de quem sobe uma montanha desvendando uma paisagem nova, fulgurante e surpreendente. Ao terminar a leitura, sentia-me bem no alto, no píncaro, vendo deante de mim uma claridade desconhecida que nunca adivinhei no fundo da furna, vendo deante mim um panorama largo, aberto, indefinido, inteiramente estranho para a minha imaginação, um panorama de beleza tão ofuscadora que fiquei parado, olhos estáticos, o sangue em fogo, a alma em êstase, ajoelhada, na volúpia da contemplação.

Uma mudança radical se operava em mim. Quanto mais abria os olhos, quanto mais abria a alma, mais pequeno me ia julgando, mais insignificante me tornava, porém mais consolado e feliz me sentia.

E não afastava nem queria afastar os olhos do imenso esplendor daquele deslumbramento. Pela primeira vez e só naquele instante fixava o olhar na grandeza eterna do Universo, na obra eterna da Criação.

Até então só havia olhado a mim, mas olhado por fóra, com os olhos do orgulho, da vaidade, do egoísmo e da empáfia. Até então o que tinha visto deante de mim não ia além da minha pequenez, a que o delírio da imaginação vaidosa dava proporção gigantesca.

Agora, porém, defrontava a vastidão imensurável, a augusta vastidão das coisas infinitas. E eu, que todos os dias fitava o céu, pela primeira vez fitei-o comprendendo-o. Dantes, ele era para mim um nada, um incidente sem importância, um espaço como outro qualquer e algumas vezes, nas crises mais fortes da minha vaidade

de, um pálio aberto, como homenagem, sobre a minha cabeça.

Agora, porém, via-o na sua imponéncia, na sua magnitude, na sua majestade.

E tive a felicidade, senhores, a suprema felicidade de poder afundar os olhos da razão nas supremas profundezas do espaço insondavel. Lá estavam as estrélas fulgindo, cintilando ás centenas, aos milhares, aos bilhões. E pela primeira vez considerei a grandeza, a formidavel grandeza daqueles mundos longinquos que, á distância, não eram mais que cabeças de alfinetes. O céu estava, naquela noite, de uma pompa delirante. Todas as constelações, voltadas para a terra, faiscavam no fundo negro do espaço. Eram milhões, milhões sem conta de vidas luminosas esfarinhadas nas profundezas do infinito.

E pela primeira vez, pela primeira vez surgiu dentro de mim, feita a mim mesmo, esta interrogação: -- Quem criou tantos mundos, quem criou tanta grandeza?

A noite abria pela imensidade a opulência do seu misterio constelado. A via-láctea estendia-se como larga tira de cambraia desenrolada pelo céu. Eu bem sabia que tudo aquilo eram astros, ha muito que sabia que eram mundos aos milhões, aos trilhões, mundos sem conta, cada um deles com a sua órbita, o seu ciclo, as suas leis, a sua vida propria, mas só naquele momento me veio á lembrança pensar na grandeza e no poder de quem os criou.

E que era a via-láctea, tão vasta, com a sua multidão de mundos, deante da vastidão do espaço? Um incidente insignificante, um fiapo de luz, um punhadinho de areia, um nada. Outras nebulosas mais extensas, mais espessas, mais numerosas, com multidões maiores de sóis, e que meus olhos não viam, brilhavam pela amplidão do infinito. E que eram elas no espaço?

Outros incidentes, outros nadados proporcionalmente á vastidão que as encerrava. Quem tinha podido fazer

aquilo tão vasto? quem tivera tal onipotência para criações tão onipotentes?

E eu sabia, ha muito tempo que sabia, da movimentação de todos aqueles mundos, do dinamismo eterno da vida celeste. Mas que fôrça seria essa que os movia, que os equilibrara, que os formara, que formara êsse conjunto surpreendente de sistemas, essa harmonia admiravel de leis?

O Acaso? O Nada? Eu? Alguem dos meus iguais? Alguem dos meus semelhantes?

E o primeiro raio de luz fulgiu-me no Espírito para a compreensão de Deus.

Quando o orgulho se abate, Deus nos entra imediatamente na consciênciâ. O meu orgulho havia derruido fragorosamente, como uma torre velha que tomba pela ruina dos alicerces. Que era da minha suposta grandeza ante tudo aquilo? Se me supunha grande na terra e a terra era um nada comparado ao sol, o sol um grão de areia no meio da nebulosa a que pertence, essa nebulosa um incidente em relação a milhares de milhões de outras e essas outras verdadeiros nadâs deante de outras aglomerações de sóis e, estas, pequeninas ilhotas na imensidâ sideral e cada uma dessas insignificantes unidades constituindo grandezas imensuraveis, separadas umas das outras por distâncias que eu nunca poderia calcular, que diabo! de que tamanho era eu, de que tamanho era a minha grandeza em comparação com aquilo tudo? Uma migalha. Qual migalha! Um grão de areia. Qual grão de areia! Um átomo, ou a milionésima parte de um átomo, se o átomo pudesse ser suscetivel de divisão.

Finalmente comprehendi, comprehendi felizmente a minha pequenez. Eu não era nada, rigorosamente nada.

O Coelho da fábula não quis mais voltar ao buraco onde era grande, e rei. Preferiu ficar aqui fóra, pequenino, humilde, mas sob o banho lustral do sol que ofus-

cava, ante a paisagem rutilante que o conservou em transporte.

Deu-se comigo a reprodução da fábula. Hoje dói-me e até vergonha me faz ter vivido tanto tempo nas trevas da toca.

E quanto mais os dias passam, quanto mais entro na compreensão do poder da Divindade, mais pequeno me julgo, porém mais feliz me sinto.

Poder-se-á dizer que essa compreensão da Divindade tanto me podia ter sido dada pelo Espiritismo, como por qualquer outra doutrina deísta. E' possível.

Mas é ao Espiritismo que tenho que agradecê-la, porque foi êle quem ma deu.

O Deus do Espiritismo é o mesmo Deus das outras doutrinas, está claro. Mas é o Deus na sua plenitude, visto através de sua onipotência, de sua pureza, de sua bondade, de sua piedade e de sua misericordia; o Deus que perdôa e consola, que não tem decisões implacaveis, que não tem infernos para penas eternas; o Deus que castiga, mas não se vinga e que, quando castiga, é aos individuos e não ás gerações; o Deus que proporciona o adeantamento do mais indigno dos culpados; o Deus que criou incarnações sucessivas para a purificação dos Espíritos; o Deus que dá a todos o mesmo gráu de luz, desde que atinjam todos ao mesmo gráu de pureza.

Esse Deus soube-me e sabe-me melhor á alma, meus senhores, êsse Deus entrou-me de um só fluxo no Espírito. Êsse Deus eu comprehendi, êsse Deus eu comprehendo.

*
* *

Hoje considerando as coisas, meditando sobre o tempo que passou, é que vejo o que havia de ridículo e de caricato no materialismo que me encheu tão longo período de vida.

Eu não era materialista, não era coisa nenhuma. O que havia em mim era muito de pedanteria e de empáfia.

Meteu-se-me na cabeça que um homem superior não podia nem devia acreditar em poder divino e disso partiu toda a razão de ser da minha atitude. Convenci-me que era criatura ilustre, julguei-me na obrigação de destruir a Divindade. Iludia aos outros e a mim próprio. Talvez aos outros não conseguisse iludir. A mim, a vaidade conservou-me por muitos anos em crise delirante.

A verdade é que de materialismo não entendia nada, não tinha sequer o preparo básico, a cultura necessária para firmar convicção.

Conta-se por aí uma anedota que se pode perfeitamente aplicar ao meu caso.

Estava um velho vigário na igreja quando, certa vez, se chegou um rapaz de ar atribulado, que queria a toda pressa confessar-se. Tinha um pecado horrível para ser absolvido. O padre levou-o pressurosamente ao confessionário.

— Fala, filho, fala. Dize o teu pecado, que a misericórdia divina te absolverá.

O rapaz ficou silencioso, como sob o peso formidável da sua culpa.

— Mataste? perguntou o sacerdote.

— Não.

— Roubaste?

— Também não.

— Profanaste o lar alheio?

— Nunca.

— Mas que pecado é o teu? interrogou o velho vigário intrigado.

O moço deu um suspiro, um profundo suspiro:

— Padre, o meu pecado é um só, um único, mas um pecado enorme, horrível colossal.

— Fala, filho, fala.

O rapaz baixou a cabeça, deu outro suspiro e desembuchou:

— Padre, o meu pecado é este: sou orgulhoso, orgulhoso como não ha ninguem no mundo, orgulhoso como ninguem foi ainda na vida. Vejo tudo e tudo abaixo de mim. Os homens, quaisquer que êles sejam, por mais ilustres e por mais cultos, por maior autoridade que tenham, para mim não valem nada; julgo todos e todos inferiores á minha pessoa. E isso me dói, padre, isso me faz sofrer. E' um pecado que me pesa como um fardo. Não é verdade que é um grande pecado?

O vigario sorveu uma pitada, batendo pausadamente a cabeça:

— E' é! O orgulho é um pecado muito feio. Mas vem cá, meu filho, que razões tu tens para todo êsse orgulho? E's rico?

— Fui sempre pobre, muito pobre, respondeu o moço.

— Mas naturalmente és de alta estirpe, os teus pais são nobres...

— O meu pai é o açougueiro alí da esquina.

— E', que talvez as mulheres te suspirem; elas certamente te disputam, como se disputa um tesouro.

— Nunca mulher nenhuma ergueu os olhos para mim.

— Então a razão é outra: é que tens imensa cultura, um grande nome conquistado nas letras ou na ciência.

— Desde que saí da escola primária nunca mais abri um livro.

O padre ergueu-se.

— Vai, meu filho, vai para casa, sossegado. Não tens nenhum pecado. Não és orgulhoso, nunca foste orgulhoso. O que tu és é bôbo.

A anedota é feita sob medida para o meu caso. Eu não era materialista, nem sabia o que era materialismo.

Era apenas um idiota, enfeitado de penas de pavão, que vivia a pavonear originalidade á custa das penas alheias. Narrarei sómente dois casos para mostrar o cunho insincero das minhas convicções de incredulidade.

Era no período mais rude, no mais culminante período da minha crise materialista. Eu repousava uns meses no povoado matuto em que nasci. Uma noite, a dois quilometros de minha casa, morreu um velho roceiro que o povoado inteiro estimava. Na roça, a morte de um vizinho é sempre um acontecimento. E' dos hábitos ir todo o mundo para a casa do finado, fazer o que lá se chama o "quarto de defunto".

Fui, como toda gente, e lá fiquei até duas da madrugada. Às duas da madrugada despedi-me para sair. Queria voltar para casa, para ferrar no sono. Quando me despedia, no terreiro, de uns matutos que ali palavravam, um deles me perguntou com interesse:

- Onde vai?
- Para casa, dormir.
- Sozinho, por esse caminho?
- Por que não?! Não sou homem??

A Maria, uma mulata que me conhecera em menino, disse com a sua voz arrastada, num tom de pouco caso:

— Está aí uma coisa que eu duvido. Vocemecê deixar o defunto estirado no meio da casa e ir embora por esse caminho, sozinho, com um luar branco como esse, hoje, sexta-feira, dia em que as almas andam soltas! Está aí uma coisa que eu duvido e faço pouco. Vocemecê volta!

Sentí, de súbito, um choque. Arrepiou-se-me a pele, arrepiaram-se os cabelos. Respondi de cara amarrada:

- Serei alguma criança??

Um sertanejo disse, em galhofa, no meio do terreiro:

— Isso de alma do outro mundo, siá Maria, é para nós, matutos, que não lemos nos livros. Seu doutor não acredita. Elas não bolem com ele.

— Ele volta, repetiu a Maria, calmamente, a fumar o seu cachimbo.

Partí. Não dei duzentos passos. O luar estava de uma alvura de espuma de sabão. Não ha nada mais misterioso que o luar, por noite velha, na roça, caiando aqueles caminhos solitarios.

Não sei que impressão foi aquela que se apoderou de mim, esfriando-me os ossos, tolhendo-me os pés. Não dei duzentos passos, não dei. Um medo...

E' crença no sertão que quem começa um "quarto de defunto" deve terminá-lo; não se deve nunca deixar o cadáver no meio da casa e ir para outro lugar. A alma do finado nos perseguirá pelo caminho.

Mas eu era materialista, senhores; não acreditava nem podia acreditar em almas do outro mundo.

O que é certo é que não pude dar duzentos passos. A brancura da lua, a solidão da estrada, os galhos e as folhas das árvores espelhando o brilho do luar, o pio das aves noturnas, o vento que ciciava, tudo, tudo me infiltrou uma tal mudança, um tal temor, um frio, uma compressão no peito, uma tonteira na cabeça, que voltei, voltei, senhores, voltei ás pressas para a casa do defunto, onde havia gente, muita gente, e gente viva.

Fui recebido pelos roceiros com uma gargalhada de troça.

A Maria, com o seu cachimbo na bôea, deliciou-se com o meu fiasco, soltando uma baforada de fumo:

— Eu sabia, eu sabia que êle voltava. Essa gente que estuda é toda assim: da bôea p'ra fora — uma valentia; mas na hora, na hora da coragem — cadê?

Passei a noite inteira envergonhado da minha covardia. Como fôra aquilo? Ninguem estava mais escandalizado do que eu proprio. E as minhas convicções materialistas e a sinceridade do meu materialismo?

Procurei explicar o fato como resultado da educação que recebera em criança. Eram remanescentes de supers-

tições matutas que me tinham ficado na lembrança e que, agora, por uma crise de nervos, despertaram do seu estado latente.

Pensam os senhores que o fiasco serviu para que eu me corrigisse?

Ao contrário; desembestei. Foi a quadra mais fúria de incredulidade que até hoje tive. Li, devorei os mais festejados paladinos da Materia e repelí com furia os propagandistas da *Espiritualidade*.

O segundo fato não é menos edificante, para aquilatar-se a palhaçada do meu Materialismo.

Uma vez... Isto foi no porto de Maceió, há muitos anos. Eu seguia para o Maranhão, como deputado ao Congresso Estadual. Era meu companheiro de viagem até o Ceará êsse maravilhoso e resplandescente poeta que é o Bastos Tigre.

Em Maceió, o Bastos Tigre era esperado pelo cunhado, o Julio Auto, também lindo poeta, com um esplêndido jantar de festa. Convidaram-me para ir á terra. Recusei. Qualquer coisa me dizia aqui dentro que eu não devia desejar. Mas tanta foi a insistência que senti grosseira a recusa. Fui. A saída do vapor estava marcada para as seis da tarde, mas o vapor era o *Baía*, do Lloyd e o Lloyd, desde os velhos tempos, sempre primou pela impontualidade.

O jantar começou ás cinco horas. Eu estava numa inquietação de nervos impressionante. Não sei o que me dizia que íamos perder o navio. O Bastos Tigre, êsse estava de uma fleuma e de uma serenidade felizes, a brincar, a pilheriar, a fazer trocadilhos. Então eu não via que o vapor era do Lloyd e no Lloyd não se tinha a noção do tempo?! Não vira a saída retardada nos outros portos?! Nem á meia noite levantariamos ferro!

Mas a excitação não me deixava. Cada vez mais os nervos se me tornavam vibrantes. Sentia, a verdade é

que eu sentia, uma força interior arrastar-me com presteza para bordo.

A's cinco e meia, a minha excitação havia impressionado a todos na casa. Apresou-se a conclusão do jantar. Tomámos o bonde ás pressas. Ao chegarmos ao porto, voltavam de bordo os escaleristas e o paquete começava as suas primeiras manobras de saída.

Procurou-se um escaler alí na praia. Não havia. Afinal apareceu um, mas o catraeiro não tinha remos.

— Vai-se á vela.

Mas não havia vento. Assim mesmo entrámos no barco.

O vento que soprava era um nada que não enchia siquer a vela. O catraeiro fazia esforços sobrehumanos para utilizar-se daquele vago sôpro de brisa que passava sútilmente.

A muito custo aproximamo-nos do vapor. Já êle se movia lentamente, em manobras.

O quadro nunca mais se me apagou da memória. Vejo a amurada de bordo cheia de passageiros que saúdam alegremente a nossa aproximação.

— Mandem parar! mandem parar! gritavamos do escaler.

Mas, nesse instante (aí começou a tragédia) o vento soprou rijamente. A vela encheu-se, o barco ganhou impulso e foi colar-se ao alto costado do vapor. Comprendemos todos, num relance, a desgraça aos nossos olhos. Iamos morrer.

Só havia dois remedios alí: ou afastar o escaler do costado no navio, ou parar o navio. De outra maneira seríamos miseravelmente colhidos, tragados, esmigalhados pelas hélices em rotação.

No escaler éramos oito. Esforços incriveis fizemos para nos afastar do paquete. Era demais para as nossas fôrças.

Lá em cima, na amurada, os passageiros compreen-

deram, alarmados, a gravidade do perigo. O quadro nunca mais me saiu, em suas mínimas minúcias, da cabeça. Vi muita gente a correr loucamente para a ponte do comando, a suplicar aos gritos que parassem o navio.

Segundo a segundo, instante a instante, a desgraça se avolumava na sua iminência.

Sentí a trágica aproximação das hélices. Era fatal, irremediável, inevitável a morte...

Aí todo o meu instinto de conservação pulou dentro de mim, acendeu-se-me uma energia desvairada e, numa fúria, numa descarga, em pé, no meio do barco, os braços erguidos, pus-me a clamar, a gritar, a berrar:

— Pára! pára! pára, pelo amor de Deus! pelo amor de Deus! pelo amor de Deus!

O vapor não parava. Não parou. O comandante, um senhor Pedroso, negou-se a fazê-lo.

E o perigo crescia. Estávamos a dois metros das hélices agitadas. Eu via nitidamente os turbilhões de espumada rebojando.

A agonia dos passageiros lá em cima era horrível.

Chegavam-me aos ouvidos (que exaltação de sentidos eu tinha naquele momento!) chegavam-me aos ouvidos gritos, crises nervosas de senhoras.

— Pelo amor de Deus pára! pára! continuava eu a gritar num acesso.

Um jacto d'água esbateu-se-me brutalmente pela cara, sufocando-me. Era a água turbilhonante das hélices, das hélices que nos iam tragar, que nos iam esmigalhar.

Caí no fundo do escaler, desacordado. Não sei o que se passou, não sei. O milagre...

Quando abri os olhos, ouvi claramente a voz do catraeiro, gritando numa vitória:

— Estamos salvos!

Estavamos todos molhados e o barco com a água pelo meio.

O navio êsse já ia longe, enorme, esplêndido, ilumi-

nado como um castelo fabuloso que tivesse surgido das vagas.

A' noite, quando, ainda a tremer, me pus a reconstruir as minúcias da cena, foi que dei por aquele pormenor importantíssimo: havia gritado o nome de Deus no momento do perigo.

Outro qualquer levantaria as mãos para o céu, em agradecimento. Eu — danei-me.

Vejam bem: estava salvo; tinha tido a morte juntinho de mim na mais ingloria e na mais miserável das tragedias, mas danei-me.

Tive vergonha. Tive vergonha de ter chamado por Deus naquele transe dramático.

E vejam até onde pode chegar a vaidade alucinada de um homem. Tive vergonha, tive vergonha do juizo que podiam estar fazendo de mim os passageiros que se tinham ido no vapor. Estavam certamente a julgar-me uma criatura inferior, uma criatura que acreditava em Deus e que clamava pelo nome de Deus na hora do perigo.

E aquilo me ficou a remoer o pensamento por muito tempo. E tão culminante era o meu delírio de grandeza, tão feroz a vaidade que, meses depois, no Pará, no Teatro da Paz, divisei uma das companheiras de viagem, com a qual havia feito relações amistosas.

Não fui eu prender-lá; não quis aparecer-lhe. Tive acanhamento, tive vergonha, senti-me diminuído. Ela podia estar lembrada de que eu invocara, em agonia, o nome de Deus e tomar-me por uma criatura vulgar.

Vejam os senhores até onde pode ir a vaidade humana! Vejam que juizo fazia eu de mim e dos outros.

Não se pode ir mais longe em pedanteria, em loucura, em desvairamento, ou, melhor, em paspalhice.

E' de Rui Barbosa aquele conceito célebre: — Deus fala aos homens pela boca de suas desgraças.

Realmente, é nos períodos de sofrimentos que a nossa alma se prepara para conciliar-se com Deus.

De três ou quatro anos para cá aquela intransigência, aquela intolerância, aquela preocupação doentia, de me julgar um sér superior, modificaram-se.

Por que? A idade? O estudo? Influência alheia? Nada disso. A grande luta pela existência, os sofrimentos da maturidade, que são os sofrimentos mais graves de uma vida.

Eu sentia visivelmente em mim a atuação de uma força equilibradora. Já ia admitindo opiniões que me contrariassesem, já ouvia com complacênciā argumentos opositos aos meus, já respeitava a fé alheia .

A 'quele período de agressão fulminante a tudo quanto era doutrina religiosa, sucedeu um período de apatia, de profunda indiferença, uma verdadeira calmaria espiritual. Tanto se me dava que Deus existisse, como que não existisse. Não tomava conhecimento; não me interessava.

Foi justamente nessa fase que me vi assaltado por molestias dolorosas.

A dor tem esta grande virtude — revela a nossa inferioridade. E, quando nos julgamos inferiores, abrimos insensivelmente os braços para receber a superioridade da Providência.

Ha dois anos atrás, uma crise formidável de cálculos hepáticos derrubou-me. Tive necessidade de subir os ares felizes da Mantiqueira, em procura das águas de Cambuquira.

Quando lá cheguei, o meu estado era gravíssimo.

Para aqueles que não crêem, Deus nunca se apresenta a descoberto — toma sempre a forma de casualidade.

Quis a casualidade que eu em Cambuquira conhecesse um dos diretores desta casa, hoje o meu excelente

amigo Antonio Fonseca. Quis a casualidade que viajássemos no mesmo trem, que na mesma sala e em mesas proximas fizessemos as refeições.

A primeira vez que o ví foi uma semana depois de chegar á estância dagua, o primeiro dia em que me pude levantar da cama. Era á hora do almôço. Ao chegar-me á mesa vi, a dois passos, sentados, um homem e uma senhora que me cumprimentaram risonhamente, como se fôssemos de longa intimidade.

Eram êle e a espôsa.

Ele ergueu-se, veiu até a minha mesa e indagou demoradamente da minha saúde.

Aquele gesto de cortesia outros hóspedes me haviam feito no corredor, na sala de visitas e até no meu proprio quarto.

Mas... caso curioso: nenhum deles me tocou o coração da maneira que aquele desconhecido acabava de tocar.

Era uma fisionomia diferente das fisionomias que eu tinha visto naquela agitação de hóspedes, com uma franca expressão de bondade derramada pelo rosto, uma voz amiga que me punha á vontade para contar os meus sofrimentos.

Ao terminar o almôço, voltou a falar-me. Conte-lhe a tremenda crise de figado que me assaltara no trem de ferro, durante doze horas, sem uma cama, sem um alívio, sem uma medicação. Soubera-o no hotel dois dias depois, disse êle, e lamentava ter viajado em outro carro, pois se estivesse presente...

— Que ia o senhor fazer?

— Dava-lhe uns passes, respondeu-me gravemente.

Eu era de tal ignorância em assuntos espiritas que nunca tinha ouvido aquela expressão. Ele explicou-me a palavra e revelou-me, com modestia, a sua mediunidade curadora. Sorri.

— Lembre-se, disse-lhe, que quando os cálculos pas-

sam, as dores só acalmam (e quando acalmam) com fortes injeções de morfina.

Respondeu-me com uma convicção que me impressionou:

— Mas o poder de Deus deve ser maior que o das injeções.

Achei-o interessante. Muitas e muitas criaturas me tinham falado de Deus com ardor, com entusiasmo, mas na voz daquele homem, eu sentia uma força que me chocava, uma convicção tranquila, uma fé cheia de docura e consistência.

Aos outros que, anteriormente, me falavam na Providência, achei-os sempre ridiculos; achei aquele interessante. E mais do que isso — respeitei-o.

A tarde, no jantar, éramos velhos camaradas. Não o deixei mais. Passavamos horas esquecidas á mesa, eu a ouví-lo e êle a expôr-me a sua doutrina, a contar-me a consolação que lhe viera depois de abraçá-la, os novos horizontes que se lhe abriram aos olhos ao conhecê-la. E concitava-me:

— Leia, leia o Espiritismo. Ao menos por curiosidade.

Prometia-lhe sempre. Logo que tivesse tempo...

Os meus padecimentos continuavam. Quasi todas as noites velava, estorcendo-me em dores incríveis. Um dia, ouvindo as minhas queixas, disse-me o Fonseca:

— Se Deus permitir, poderei aliviá-lo.

— Com os passes?

— Com os passes! respondeu-me.

— Está bem. Dê-mos hoje.

Foi aquilo puro gesto de cortesia. Queria corresponder á gentileza daquele homem, que eu sentia desejoso de sossegar-me.

A noite veiu êle ao meu quarto. Com as mãos poussadas em minha cabeça, ergueu-se, levantou os olhos para o céu e começou a orar.

Deu-me uma louca vontade de rir. Mas olhei aquela fisionomia serena, grave, incendida de fé e havia nela um brilho tão novo para mim, uma tão alta e comovedora magnitude, que baixei, que fui forçado a baixar respeitosamente a cabeça, num silêncio profundo.

Recebí os passes. No dia seguinte, com surpresa, sentí-me melhor.

E todas as noites, após o jantar era eu quem convivia o Fonseca a ir ao meu quarto, dar-me os passes. Mas não havia em mim a mais remota réstea de fé. O que havia era curiosidade, uma infinita curiosidade por aquele homem e por tudo aquilo.

O Fonseca deixou Cambuquira dias antes de mim. Uma semana depois que aqui cheguei, vim visitá-lo, lá em baixo, na Livraria desta casa.

Conversámos longamente. Ao retirar-me, meteu-me nas mãos um volume.

— Leia quando tiver vagar.

Era o *Livro dos Espíritos* de Alan Kardec. Levei-o para casa.

Passou-se o primeiro mês, passou-se o segundo. O volume ficou rolando, esquecido, desprezado, pelas estantes, no meu gabinete de estudo.

Mas nada, na vida, vem senão a seu tempo. Uma manhã, saí do quarto, apressadamente, para o banho. Ao passar pela sala de jantar, vi um livro em cima da mesa, ao acaso.

Foi sempre dos meus hábitos abrir todos os livros que se me deparam aos olhos. Gosto de lhes saber o título e o autor. Chego a arrebatá-los de mãos alheias, pelo impulso irresistível desse cacoete indelicado.

O volume que estava sobre a mesa era o que o Fonseca me havia oferecido. Tive uma ruga no rosto. Oh! diabo, não era gentil aquilo! o homem oferecera-me a obra com tanta fidalgaria e eu não tinha tido sequer a curiosidade de abri-la.

E fechei o volume. Dei dois passos, voltei. Voltei, abrindo novamente o livro. Abrí-o ao acaso. E' sempre sob a forma de acaso que Deus se apresenta aos incrédulos. Abrí justamente numa das páginas de mais alto interesse, aquela em que Kardec trata da volta á vida espiritual, da separação da alma e do corpo, da perturbação de certos Espíritos ao deixarem inopinadamente o aparelho em que moraram na existência terrena.

A página é esta :

"No momento da morte, tudo é, a princípio, confusão; a alma precisa de algum tempo para se orientar; fica como que atordoada, no estado de um homem que despertasse de um sono profundo e procurasse explicar-se a sua situação. A lucidez das idéias e a memória do passado voltam-lhe, ao passo que decresce a influência da matéria, de que acaba de desprender-se, e á medida que se dissipia a especie de nevoeiro que lhe obscurece os pensamentos.

"O período da perturbação que se segue á morte é muito variável: pôde ser de algumas horas, como de muitos meses e até de muitos anos. Aqueles para quem ela é menos longa, são os que já em vida se haviam identificado com o seu estado futuro, pois que compreendem imediatamente a sua posição.

"Essa perturbação apresenta circunstâncias particulares, segundo o caráter dos indivíduos e, principalmente, segundo o gênero de morte.

"Nas mortes violentas, por suicídio, suplício, acidente, apoplexia, ferimentos, etc., o Espírito fica surpreendido, admirado e não crê estar morto; sustenta esta ilusão com pertinácia; a-pesar-de estar vendo o corpo e de saber que é seu, não comprehende como esteja separado dele; busca as pessoas que lhe são afeiçoadas, fala-lhes e não percebe porque lhe não prestam atenção. Esta ilusão dura até ao completo desprendimento do perispírito. Só então o Espírito se reconhece e fica sabendo que já não

pertence ao número dos vivos. Este fenómeno explica-se facilmente: Surpreendido inopinadamente pela morte, o Espírito fica aturdido pela brusca mudança que nele se opera; para ele, a morte é ainda sinônimo de destruição, de aniquilamento, e como pensa, vê e ouve, supõe que não está morto. O que lhe aumenta a ilusão é o ver-se com um corpo semelhante, na forma, ao precedente, mas cuja natureza etérea não teve ainda tempo de estudar; julga-o sólido e compacto como o primeiro e, quando lhe chamam a atenção para esse ponto, admira-se de não poder apalpar-se. Esse fenômeno é análogo ao que se passa com os sonâmbulos inexperientes, que não crêem estar dormindo. Para eles o sono é sinônimo de suspensão das faculdades; ora, como vêem e pensam livremente, julgam que não dormem. Certos Espíritos apresentam esta particularidade, mesmo quando a morte não tenha vindo abruptamente; mas é mais geral naqueles que, embora enfermos, não pensavam ainda em morrer.

“Vê-se então o singular espetáculo de um Espírito assistindo ao seu próprio enterro, como se fosse o de um estranho, e falando disso como de coisa que lhe não diz respeito, até ao momento em que comprehende a verdade.

“A perturbação que se segue à morte nada “tem de penosa para o homem de bem, pois para este é calma e em tudo semelhante à que se segue a um despertar plácido. Para aquele, porém, cuja consciência não é pura, a perturbação é cheia de ansiedades e angústias, que aumentam à medida que ele se vai reconhecendo.

“Nos casos de morte coletiva, tem-se observado que nem todos os que morrem ao mesmo tempo se vêem sempre imediatamente uns aos outros. Na perturbação em que se acham, cada qual caminha para seu lado e só se preocupa com os que lhe interessam”.

Li tudo isso com sofrimento, à respiração opressa, de toalha nos ombros e saboneteira apertada nos dedos.

Ao terminar havia em mim uma sensação estranha de arrepio; um suor gelado corria-me pelo corpo.

Foram sempre do meu gôsto particular em literatura as páginas fortes, aquelas que se distinguem pelo cunho trágico, pela originalidade e pela extravagância.

Mas, página nenhuma me sacudira tanto como aquela. Nem nos contos de Hoffmann e Poe, nem em Zola, nem em Mirbeau, nem em Dostoivisch, em ninguem. Cenas horriveis eu próprio sempre viví na ginástica de imaginá-las, mas aquelas eram inteiramente novas, inteiramente inéditas para a minha imaginação.

Reli a página. A emoção não foi menor que da primeira vez.

Tive vontade de alí ficar para ler de um trago o livro. Mas o relogio bateu, avisando-me das obrigações na rua. Uma inquietação horrivel perseguia-me durante o dia no trabalho. Só uma coisa me preocupava — voltar para casa e devorar o demônio daquele livro.

A' noite, quando me atirei á leitura, foi numa ansiedade, numa febre. Muitos, muitos livros bizarros, curiosos, extravagantes têm-me passado pelos olhos, muitos; de alto surto dramático têm-me abalado a sensibilidade nos seus recessos mais remotos, muitos; mas nenhum, nenhum até hoje me deixou tão forte sulco no Espírito, como aquele de Alan Kardec.

Para mim, tudo alí era novo, inesperado, chocante, resplandescente.

Com todo o meu materialismo, ou justamente por isso mesmo, tinha eu da morte um pavor que me gelava. Quando me passava pela cabeça que um dia, fatalmente, tudo em mim se ia apagar, que o meu corpo seria metido no fundo da terra, que o meu eu humano e inteligente desapareceria em podridão, todo o meu sér se arrepiava, tremendo.

E, caso singular para mim: ao terminar a leitura do *Livro dos Espíritos*, não me havia sómente desaparecido

o medo da morte. Eu tinha, tinha sim, a curiosidade da vida de além tumulo, tinha mais do que isso, um certo desejo de morrer, para fruir os mundos novos, os mundos rutilantes que Kardec descrevia.

Repetí a leitura e, ao concluí-la, não era espirita, meus senhores, mas tinha pelo Espiritismo uma atração irresistivel. O que se passava em mim eu proprio não sabia explicar.

Parecia que um véu negro se me rasgara dos olhos. Parecia que uma vasta janela se me abria deante das retinas, enchendo-me de claridades. Os homens, as coisas, a vida, o mundo, os mundos, tudo, tudo era para mim agora diferente. Cheguei a pensar que um outro eu vivia dentro de mim.

Foi nesse período que uma força qualquer, que eu não explicava, me conduzia constantemente ás portas desta casa.

Mas, não pensem, senhores, que, a-pesar-da transformação, aqui entrava com o entusiasmo de um adépto. não; entrava com as cautelas de um desconfiado.

No princípio, achei que, aqui dentro, toda gente era maluca. Quando qualquer pessoa, aqui, me falava em comunicações espirituais, narrando-me com a maior simplicidade êste ou aquele fato espirita de observação própria, duvidava imediatamente da sua integridade mental. Estaria a falar a sério, ou estaria com a cabeça desvairada?

Mais tarde essa impressão se modificou. Os homens aqui causavam-me surpresa. Ficava silencioso a ouví-los, perguntando a mim mesmo, surpreendidamente, como se podia ter tanta convicção e como podiam acreditar em tudo aquilo de que me falavam.

Por fim, todas aquelas impressões se transformaram em respeito. Respeitei-os, senhores. Respeitei-os, tocado pelo vigor da sinceridade que lhes senti, sacudido pelo

grande sôpro de fé, de abnegação, de desprendimento individual e de altruísmo que observei em cada um deles.

Os da minha maior intimidade aqui dentro foram o Antonio Fonseca, o Manuel Quintão, o Frederico Figner.

Não sei qual dos três maior surpresa me causou.

O Fonseca, com a solidez inalterável de sua crença, a confiança serena na justiça de Deus e aquela resignação humilde nos mais ásperos sofrimentos, espantou-me desde os primeiros dias. E quando vi o Quintão, forte, inteligente, vivo, todo alheiado do seu eu, na preocupação constante da dor alheia, confiando tranqüilamente e doutrinando como confiava, arregalei muitas vezes os olhos surpreendidos. E o Figner! Judeu, de uma raça milenarmente hostil ao Cristianismo, milenariamente mercantilizada, a falar com entusiasmo dos textos do Evangelho, a curvar a cabeça deante da grandeza do Cristoo ,a correr a cidade de ponta a ponta, gastando do seu bôlso, sem dizer a ninguem o que gastava, para levar aos tetos miseráveis a alegria do pão e o alívio dos medicamentos!

Foram essas três figuras que me deixaram na alma suleos imperecíveis.

E foi, vendo-os, observando-os, analisando-os, que sentí desejos de conhecer mais de perto a doutrina maravilhosa que tão fundamente transformava os homens numa florescência admirável de resignação e de bondade.

A primeira impressão violenta de simpatia já eu tinha tido com a leitura do *Livro dos Espíritos*. Tudo mais era facil. E facil tudo mais foi.

Passei um ano inteiro a ler, a observar. Quando abri os olhos, tinha deante deles a imensa rutilação da fé divina.

Punha a cabeça fora da toca e, como o Coelho da fábula, não mais quis voltar a enfurnar-me na treva.

E vêde, vêde, meus senhores, quanta casualidade em tudo isto.

A casualidade levou-me á Cambuquira, ao mesmo tempo que levou o Antonio Fonseca. A casualidade fez-nos morar no mesmo hotel e ter vizinhas as mesas. O acaso inspirou-lhe interesse pelos meus sofrimentos e inspirou-nos simpatias mútuas. Ainda o acaso forçou-me a respeitar nele (aludo aos passes) aquilo que, decerto, eu acharia ridículo em outra pessoa. Ainda a casualidade fê-lo meter-me nas mãos o livro de Kardec e inspirou-me a obrigação de lê-lo, para corresponder a gentileza da oferida. Ainda a casualidade moveu alguém a colocar o livro na ponta daquela mesa, no momento em que eu passava para o banho.

E só o acaso, o eterno acaso, (é este, para mim, o ponto mais frisante da narrativa) fez-me abrir o livro justamente naquela página, aquela que vos lí.

E' este o ponto mais curioso de tudo isto, insisto em afirmar, o ponto a que atribuo toda a minha conversão.

Sempre foram as leituras chocantes, com qualquer cunho de inédito, com qualquer cunho de novidade as que mais me impressionaram.

Se o acaso não me tivesse feito abrir o *Livro dos Espíritos* naquela página, talvez eu nunca tivesse tido interesse de ler o volume. Se começasse a leitura da primeira página, sem aquela impressão vibrante que, casualmente, recebi á hora do banho, é possível que não fôsse ao meio do livro ou talvez não passasse das primeiras folhas.

O Acaso sabia que, antes de tudo, devia inflamar-me a centelha da curiosidade, sabia que a minha curiosidade, em leitura, se inflama facilmente pelo ineditismo e pela novidade.

Havemos de concordar, senhores, que o Acaso é uma entidade altamente inteligente.

A maioria das criaturas não comprehende que alguém possa ser espirita sem ter visto as manifestações físicas do Espiritismo.

No fundo, ha uma certa dose de razão. Os fenómenos das sessões práticas são ás vezes de tal maneira impressionantes, que solidificam a convicção de que existe, uma outra vida que não esta vida tangivel em que nos arrastamos.

Dos casos práticos do Espiritismo sei contar muito pouco. O que me fascinou foi a doutrina, pela magnitude de sua beleza, pela sua suprema docura tonificadora das almas, pelo bálsamo infinito que derrama sobre as dôres.

Nos primeiros dias da minha iniciação, tive a curiosidade de assistir a trabalhos de mediunidade. A decepção foi enorme. A' mesa sentavam-se criaturas de sisudez indiscutivel e de sinceridade profunda; mas, a-pesar de tudo, foi enorme a minha decepção.

Por quê? Não acreditei nas mediunizações, não acreditei nas figuras atuadas pelos Espíritos. Achei tudo aquilo muito proximo da comédia. Parecia-me que os transes eram fingidos.

Tinha tido um dia infeliz. Os Espíritos que se manifestaram eram todos de uma inferioridade alarmante.

Foi só mais tarde, mais de um ano depois, que voltei a assistir a trabalhos práticos. Alí, fui mais feliz; alí, pela palavra dos altos Espíritos tive a bôa sorte de mais fortificar a minha crença.

Observações pessoais que possam impressionar, creio não ter nenhuma para contar.

Faltam-me totalmente qualidades mediúnicas. Não ouço, não vejo, não escrevo, não sinto. Parece que Deus me experimenta. Quer ver até onde vai a constância da minha fé, negando as provas materiais em que possa aliená-la. Quer que eu creia no sol sem vê-lo, unicamente por lhe sentir a claridade.

Em dois anos de iniciação espírita, poucos, pouquíssimos são os fatos que posso contar de observação individual. Comigo pessoalmente quasi nada se tem passado.

O primeiro fenómeno que, dirétamente, se passou comigo deixou-me um abalo profundo. Tinha eu, há tempos, uma pretensão qualquer que, na época, era para mim de importância capital. Todos os meus esforços, todos os meus pensamentos, todos os meus movimentos eram feitos com ardor para consegui-la. E tudo e tudo conspirava contra mim. Transpunha um obstáculo e adeante encontrava outro, galgava penosamente uma cumeada, julgando lá em cima encontrar os elementos de realização, e logo outra cumeada inacessível se me apresentava aos olhos. Não dormia. Passava noites inteiras velando, ansiando, a medir dificuldades insuperáveis.

A fé, porém, tangia-me para a frente. E, por fim, essa me faltou. O desânimo começou a dominar-me.

Certa noite, fui convidado para uma sessão espírita. Era uma das noites do meu maior desespérô.

Presidia a sessão a minha querida amiga, a senhorita Elisabeth Hamont, médium auditivo, psicográfico, algo vidente. Quasi ao terminar os trabalhos, lançou ela os olhos em derredor da sala, á procura de alguém. Afinal, pronunciou o meu nome.

— O senhor conhece alguém que se chame Manuel? perguntou-me.

Manuel! o nome era tão comum!

— Conheço várias pessoas, respondí.

— Alguém que já desincarnou e que se diz seu parente.

— Meu pai! exclamei arrepiado.

— Está êle aqui ao meu lado. Pede-me lhe diga que não desanime, pois o que o senhor deseja Deus lhe dará na segunda-feira.

Vibrei; meus cabelos arrepiaram-se.

Era uma sexta-feira. Apenas três dias de espera.

Passei o sábado e o domingo em brasas de ansiedade. Ao amanhecer de segunda-feira, era como uma pilha elétrica. Ia realizar-se, enfim, o que eu queria. Saí para a rua com a alma a cantar, todo nas flamas de uma vitória.

Passou-se a metade do dia. Nada. Entardeceu. Nada. Começou a anoitecer. E nada. E nada.

Crescia-me a inquietação desoladoramente. Às dez da noite, meus nervos causavam dó. Mas o dia não havia ainda terminado. Restava-me um vago raio de esperança.

Os relogios deram meia noite. Nada. Nada. Nada.

Quando já madrugada, atirei-me na cama: era um frangalho. Ao acordar, o desânimo avassalava-me.

Corri ao medium, minha amiga. Ela estava inquietissima.

— Mas eu vi, repetia, vi e ouvi. As palavras que lhe disse foram as palavras que ouvi.

Passei êsse dia desesperadamente. Uma lufada de descrença soprou-me o Espírito. Tudo aquilo era uma farsa.

E a semana foi passando. Vi claramente deante de mim a impossibilidade da realização. O melhor era deixar aquilo de vez. E, no domingo, estava decidido a renunciar.

Mas, amanhece a outra segunda-feira e inesperadamente, inesperadamente sim! de onde eu não contava, vem-me aquilo que eu pretendia. Tudo se realizava na segunda-feira.

Até hoje não sei explicar o fato. Porque a promessa não veiu na primeira segunda-feira e veio na segunda. Ter-se-ia enganado na contagem do tempo? E' possível. O tempo nas regiões siderais não é o mesmo tempo terreno. Ter-se-ia enganado o médium? Teria ouvido mal? E' possível. Ou teria Deus transferido de uma segunda-feira para outra segunda-feira, afim de experimentar?

me? Não sei. Os designios da Providência são insondáveis.

O que é certo é que tive o que pedi, o que é certo é que tive o que me foi prometido.

De outra feita (passou-se isto aqui na Federação), surgiu-me na cabeça uma determinada tentativa. No comêço, pareceu-me simplissima, mas, á proporção que fui trabalhando para realizá-la, os obstáculos apareciam. Quando abrí os olhos, tinha verdadeiras muralhas deante de mim. Era impossivel ir adeante.

Mas o caso, que era material no comêço (isso sempre acontece na vida dos homens trabalhadores), já se tinha transformado num caso moral. Estavam empenhados o meu nome e a minha honra.

Eu não podia recuar. Mas não podia prosseguir. Faltava-me tudo, tudo, para ir á frente.

Atirei-me como um doido, como um desesperado, á procura dos elementos.

Bati a dezenas de portas que supús abertas á minha entrada. Encontrei-as com trancas de ferro.

A situação era dessas em que não se tem o direito de ficar parado. Revolvi terras e mundos e tudo falhou. Houve um dia em que tive medo de enlouquecer. Ou em vinte e quatro horas decidia aquilo, ou estaria completamente perdido. Porém, não tinha mais nenhum passo a dar, nenhuma porta a bater.

Ha ocasiões em que o consôlo de um amigo vale pela propria vida. Eu precisava de alguém a meu lado. Entrei aqui com a alma trespassada. O Manuel Quintão ia chegando.

Contei-lhe por alto o caso.

— Que queres que eu faça? perguntou-me com tristeza, emocionado pela gravidade da minha situação.

— Quero que peças a um Espírito que me aconselhe. Pede ao Espírito de Bezerra de Menezes.

Eu tinha pelo Espírito de Bezerra de Menezes uma

afeição particular. Tempos antes, por intermedio do mesmo Manuel Quintão, ele me havia dado uns conselhos salutares, com uma subtileza comovedora.

Deante do meu pedido, o Quintão ficou pensativo, concentrado, como se não soubesse se devia fazer ou não.

Afinal, levantou a cabeça, como se tivesse recebido uma inspiração:

— Vou pedir. Sobe.

Subí. Fiquei á espera em um dos gabinetes do primeiro andar, contiguo áquele em que o médium se trançou.

Passaram-se dez minutos. O Quintão voltou sereno, sorridente, mas no seu rosto estavam visíveis os traços da funda concentração em que estivera.

— Lê, disse, entregando-me um papel.

Era a comunicação. Era um jacto de luz. Era a esperança. Conservo-a entre os meus papéis como um tesouro.

Começava por uma censura: eu devia ter medido melhor as minhas fôrças. Mas, concluia, nem tudo estava perdido. "Ha uma porta em que ainda não bateste. Vai, conta tudo, fala a verdade, que ela se abrirá com o favor de Deus".

Curiosíssimo. Até áquele momento, julgava que não havia mais porta nenhuma para que eu batesse. Mas, mal concluí a leitura, vi, vi num relâmpago, como se alguém me inspirasse, a porta a que me esquecera de bater.

Uma comunicação daquelas, vinda através de um médium escrupuloso como aquele, era para deixar tranquilo, mesmo um espírita incipiente como eu.

E fui onde a inspiração me mandou, fui sereno, confiante, seguro de que teria a consumação do meu desejo. Encontrei, de fato, as portas abertas de par em par.

Tudo se realizou, graças a Deus.

O terceiro fato não é menos edificante que os dois outros.

Passou-se ha poucos meses, em Setembro último, no Maranhão.

Sofro de uma relaxação dos músculos do braço direito, na região do húmero, motivada por várias luxações. No meu tempo de estudante em Pernambuco, luxei o braço e, de lá para cá, os deslocamentos se têm repetido vinte duas vezes. Qualquer jeito máu, estou com o húmero fora do lugar. E a redução da luxação é sempre difícil, sempre laboriosa, sempre demorada. Sofro dôres horríveis, tremendas, culminantes.

Uma noite de Setembro, dormia, talvez agitadamente. Parece-me que me deitei sobre o braço, que fiz algum jeito máu. O que é certo é que, num grito, acordei com o braço luxado. Alarmei as pessoas da casa. A'quela hora, no Maranhão, um médico, como aqui, como em qualquer parte, é dificílimo. Foi-se a procura do médico. Fiquei sentado á beira da cama, com o braço arriado esperando. Eram duas horas da madrugada.

Sofrendo dôres intensas, pus-me a imaginar as que teria de sofrer quando o médico chegasse, quando fosse o momento laborioso da redução do deslocamento.

Era a vigesima segunda vez e bem sabia o que me esperava.

Nesse instante estava sózinho no quarto. Veio-me à lembrança o nome de Bezerra de Menezes. Fôra êle, na terra, na última incarnação, um médico de fama, um operador notável. E do que eu necessitava era de um médico.

E concentrei-me. Concentrei-me e pedi com todas as minhas fôrças.

Não sei quantos minutos estive em concentração. Não mais de cinco. Súbitamente ouví um som, o som que as rolhas de garrafas de cerveja produzem quando saltam, o som do húmero deslocado que volta a seu lugar.

Levei com rapidez a mão esquerda á região doente. A luxação estava reduzida. Dei um salto da cama, estatelado. Quem se não surpreenderia? Uma luxação escapó-humeral não a reduz quem quer. Tenho tido médicos habilíssimos ao meu lado, durante horas, em esforços exaustivos. Uma luxação redú-la quem sabe, quem tem prática e isso com muito trabalho, com jeitos próprios, movimentos particularíssimos, sem falar nas dores cruciantes do doente.

A minha ali estava reduzida sem um movimento, sem o mais leve movimento e sem dôr.

Quando, vinte ou trinta minutos depois, o médico chegou, arranjei-lhe uma mentira. Contei-lhe que fizera esforços tais que o braço voltou ao lugar. De que serviria dizer-lhe a verdade? Ele não acreditava. E, além de tudo, o rapaz era meu amigo e podia penalizar-se, julgando-me maluco.

* * *

E, por estes exemplos e por outros e pela observação de fatos da minha vida e da vida alheia, em dois longos anos de meditação, caldeou-se em minhalma a mudança que hoje pùblicamente vos venho dizer, atendendo ao honroso convite da diretoria desta casa.

O que aqui vim fazer, meus senhores, não é mais do que a minha profissão de fé.

De qual fé? Fé espírita? E serei um espírita? Não, não sou. Alguém poderá considerar-me espírita? Não,

não pode. Faltam-me as qualidades substanciais, as virtudes básicas do qualificativo.

Ser espírita não é só dizer que o é. E' preciso sê-lo na essência. Ninguem é espírita pela bôca e sim pela alma.

Ser espírita é ter a fé acesa como o sol e ter a fé maior que o próprio mundo. E' ter o apostolado do bem, é ter o sacerdócio da dôr.

Ser espírita é perdoar. E' receber a ofensa com humildade, porque em cada humilhação que se recebe está a graça de Deus para nos exaltar.

Ser espírita é ter fraternidade. E' ver em cada criatura, em cada homem, um irmão de dôr, em cada irmão um companheiro que precisa de apoio e de amparo. E' ver nos humildes, nos que nos parecem inferiores, a nossa propria inferioridade.

Ser espírita é renunciar. E' renunciar aos gozos terrenos em bem da ventura que está lá acima, nas esferas iluminadas. E' renunciar ao gôzo próprio, em bem do alívio alheio. E' ter a volúpia da dôr, por saber que, em cada sofrimento, está o desconto de uma dívida. E' ver na dôr um bem, é ver no infortúnio uma graça, é ver na desventura um prêmio. E' sorrir quando sofre, porque quem sofre caminha para Deus. E' agradecer a amargura, como se agradece o mimo de uma flôr. E, sair para a rua, sufocando gemidos próprios, para consolar o gemido alheio.

Ah! são virtudes muito altas, virtudes augustas e quasi intangíveis.

Tenho-as? Eu próprio reconheço que não.

Sou espirita? Não sou. Tudo me falta, em essência, para sê-lo.

Sou apenas uma alma pecadora, deslumbrada pela beleza divina, tonta de luz, que vive a bater as asas ton-tas na imensidão, a pedir, a suplicar á Providência que

lhe faça crescer infinitamente a fé, que lhe dê amor para perdoar, que lhe dê ternura para praticar a fraternidade, que lhe dê coragem, muita coragem, para renunciar, afim de seguir o caminho da luz, o caminho da verdade, o caminho da perfeição, aquele caminho que leva a Deus.



Revelações de Além Túmulo

Obra espirita de alcance doutrinário, quanto de fino
lavor literário.

Antão de Vasconcelos

REVELAÇÕES DE ALÉM TÚMULO

4^ª EDIÇÃO

o trabalho de doutrinação, radicada em antecedentes remotos e complexos, que deram, na contexura dos episódios, um verdadeiro romance realista. Sendo o Espírito obsessor também um grande jurista do seu tempo, os debates de teorias e princípios da justiça humana ressaltam nesta obra, frequentemente, em conflito com a justiça de Deus. E não faltam, em toda a obra, os lances emocionais, que prendem o leitor, da primeira à ultima pagina, ao mesmo tempo que o habilitam a conhecer mais ampla e seguramente a natureza transcendente, quão delicada e difícil, das curas da obsessão.

De sorte que o leitor espírita terá um manancial de conhecimentos neste livro, sem prejuízo do leitor leigo, que terá nele um belo romance estilizado, desses que ilustram a mente e edulcoram o coração.

Br. 6\$000 — enc. 8\$000.

Trata-se de um caso autêntico de tremenda obsessão na pessoa de uma jóven familiar do Paço, ao tempo do 2.º reinado, filha de nobre camarista do Imperador Pedro II.

Depois de percorrer as clínicas especialistas do velho mundo, sem resultado, essa jóven é aqui tratada e curada pelo Espiritismo.

O Dr. Antão de Vasconcelos, jurista de renome e literato de bôa polpa, foi quem orientou, no grupo particular de sua diretiva,

Os pedidos devem ser feitos por meio de cheque, vale postal, carta registrada ou ordem ao Administrador da Livraria da Federação — AVENIDA PASSOS 50 — Rio de Janeiro. — Porte de 500 réis por volume.

Enviamos graciosamente nosso catálogo.

ERNESTO BOZZANO

MEDIUNIDADE POLIGLOTA — (Xenoglossia)

Intitula-se assim uma nova monografia publicada por ERNESTO BOZZANO, trabalho monumental, porventura o mais notável e concludente, sobre a obra em que se empenharam os mais conceituados metapsiquistas, com C. Richet à frente, de falseamento da origem dos fenômenos mediúnicos, que este último professor crismou de "metapsíquicos".

Os fenômenos devidos à denominação que lhes deu o mesmo Richet, em os quais o Espírito que se manifesta usa de um idioma absolutamente desconhecido do médium e, muitas vezes, ignorado também de todos os presentes às experiências, são, talvez, em toda a fenomenologia psíquica, os mais maravilhosos e, sem dúvida, os que mais perturbam e desorientam os inventores e cultores de metapsíquica e quantos anseiam por poder negar, com alguma aparenteza de verdade, a fonte donde promanam os fatos que alicerçam o Espiritismo.

Tomando por objeto do seu novo trabalho a análise dentre os já numerosíssimos casos de "xenoglossia", aqueles que foram observados e registrados de maneira rigorosamente científica, BOZZANO, com a clareza de raciocínio e o vigor de lógica que o sagraram *primus inter pares*, lhes aplicou, usando de método também puramente científico, todas as hipóteses "naturalísticas", como ele as qualifica, inventadas para explicá-los com exclusão da intervenção de entidades espirituais, e chegou sempre e sempre à demonstração positiva, insofismável, irretorquível, de que nenhuma de tais hipóteses pode manter-se de pé; de que uma só os explica plenamente, satisfatoriamente e racionalmente: a hipótese espírita.

E' tão completa, tão exhaustiva a sua demonstração, que ele não trepida, e o faz a cada passo no trabalho de que falamos, em desafiar todos os impugnadores, ainda os mais extremados dessa última hipótese, a que saíam a campo para lhes apontar uma falha de raciocínio e, por conseguinte, qualquer erro de conclusão. Tão formidáveis e certeiros foram os golpes que, produzindo essa demonstração, desferiu nas aludidas hipóteses naturalísticas, sem deixar de apreciar uma só delas, que, apesar de haver sido o referido trabalho publicado por partes, em numeros sucessivos da revista italiana *Ricerca Psíquica*, de Setembro de 1931 a Fevereiro d'este ano, até hoje nenhuma das revistas metapsiquistas ousou aludir sique à sua publicação. Fato é este bem significativo da perturbação, do aturdimento que a portentosa obra do fecundo e ilustre pensador lançou nos arraiais metapsiquistas.

Pois bem: essa obra admirável sob todos os pontos de vista, já está divulgada entre nós, graças à cuidadosa tradução que dela fez GUILLO RIBEIRO, transplantando-a, com esmero, do italiano para o nosso idioma. — Broch. 5\$000. Enc. 7\$000.

HERCULANUM

Os livros do Conde de Rochester, todos de fonte mediúnica, constituem um caso único na literatura espirita, assaz copiosa.

Vasados nos moldes clássicos da escola romântica do último quartel do século XIX, eles tiveram sucessivamente uma consagração de repetidas edições, que se espalharam, traduzidas em várias línguas.

Entre nós quem não conhece a "VINGANÇA DO JUDEU"?

E contudo, este não é senão um anel da luminosa cadeia que liga um grupo de almas, através de vários estágios na Terra.

De sorte que, além do ensino doutrinário, tem o leitor o panorama histórico-social de uma época.

Em "FARAÓ DE MERNÉFTA", por exemplo, é o velho Egito que nos fala das suas mumiás, dos seus mistérios, das suas pirâmides. Na "VINGANÇA DO JUDEU", surge-nos o quadro da sociedade européia com a chaga da sua civilização, de preconceitos de raça, classe ou fortuna.

E assim, em "HERCULANUM", vamos encontrar o cenário da Roma dos Césares na plenitude da sua hegemonia política, mas, também já minada pelo evangelismo cristão. Ocaso de Júpiter, aurora de Cristo! Embate fragoroso de duas civilizações — tumulo e berço. Uma que se precipita do capitólio, outra que sobe das catacumbas.

Há páginas de colorido vivo e de emotividade extraordinária, quais sejam as que traçam a vesuviana catástrofe que soterrou as duas lindas cidades mediterrâneas para um sono de vinte séculos.

Na catequese cristã, o leitor de "HERCULANUM" encontra um sabor especial, aproximando e comparando analogias concorrentes à um Idealismo substancial e único.

E esse sabor se refina quando encontra nessas páginas os mesmos personagens das outras obras de Rochester, para lhes fazer a psicologia e ver quanto é difícil a ressurreição do espírito na trama das vidas sucessivas.

Edição e tradução caprichadas.

Broch. 8\$000 — Enc. 10\$000

Os pedidos devem ser feitos por meio de cheque, vale postal, carta registrada ou ordem ao Administrador da Livraria da Federação — AVENIDA PASSOS 30 — Rio de Janeiro.

Porte de 500 réis por volume.

Enviamos graciosamente nosso catálogo.

CARLOS IMBASSAHY

O Espiritismo á Luz dos Fatos

Já se acha impresso mais um trabalho do Dr. CARLOS IMBASSAHY, com o nome acima.

Como o título indica, trata-se da demonstração da realidade do Espiritismo perante os fatos que o atestam.

A obra é uma cerrada argumentação contra os que atacam a parte científica daquela disciplina.

Nela o autor procurou refutar os autores que se veem manifestando contra o Espiritismo e lhe negando a parte que lhe cabe no quadro das ciências, ou lhe contestando o fundamento que possue para inscrever-se naquele quadro.

O escritor refere-se em sua obra a vários adversários do Espiritismo em nosso país, contestando-lhes as asserções com as mais robustas provas.

São mirados, de preferência, os autores que se tem distinguido nos seus ataques, procurando com êles trazer a desmoralização á prática e á doutrina espírita.

Vol. broch. 8\$000 — Enc. 10\$000.

Os pedidos devem ser feitos por meio de cheque, vale postal, carta registrada ou ordem ao Administrador da Livraria da Federação, Avenida Passos 30, Rio de Janeiro.

Porte de 500 rs. por volume.

Enviamos graciosamente nosso catálogo